



**TEATRO NA ESCOLA PÚBLICA:
universidade e escola aliadas na formação do professor**

**THEATRE IN PUBLIC SCHOOL:
university and school combined in teacher education**

Ricardo Carvalho Figueiredo¹

Resumo

Esse artigo é fruto de uma parceria entre a área de Teatro, pertencente ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Minas Gerais, junto da Escola Municipal Aurélio Pires. Desse modo apresento e discuto como a área se estabeleceu no referido programa, abordo como tem sido o trabalho de coordenação junto à supervisora da escola e trago uma experiência de ensino em teatro conduzida por uma bolsista-licencianda do curso de graduação em Teatro da UFMG. Finalizo discutindo a importância da parceria entre universidade e escola para a formação do professor da educação básica.

Palavras-chaves: Teatro na escola, Pedagogia do Teatro, Formação de professores.

Resumen

Este artículo es el resultado de una colaboración entre el área de teatro, perteneciente al Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) UFMG, con la Escola Municipal Aurélio Pires. Así que les presento y analizo cómo la zona establecida en este programa, se acercan a ella como ha sido la coordinación de los trabajos con el supervisor de la escuela y llevar una experiencia de enseñanza en el teatro realizado por un mercado licencianda el pregrado UFMG Theatre. Concluyo discutiendo la importancia de la colaboración entre la universidad y la escuela para la educación de los maestros de educación básica.

Palabras clave: Teatro en la escuela, Pedagogía del Teatro, La formación del profesorado.

Abstract

This article is the result of a partnership between the theater area, belonging to the Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) UFMG, with the Municipal School Aurélio Pires. Thus I present and discuss how the area established in this program, approach it as has been the coordination of work with the school supervisor and bring a teaching experience in theater conducted by a market-licencianda the undergraduate UFMG Theatre. I conclude by discussing the importance of partnership between university and school for the education of teachers of basic education.

Keywords: Theatre at school, Pedagogy of the Theatre, Teacher training.

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG0 com doutorado em Artes pela mesma Universidade. É coordenador do subprojeto PIBID FaE/UFMG desde 2011.

Breve histórico do PIBID Teatro na UFMG

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa da CAPES/MEC para incentivar a docência na educação básica por parte da concessão de bolsa a alunos de cursos de licenciaturas e, ao mesmo tempo, estreitar os laços da formação deste professor, beneficiando com bolsa o professor da universidade, chamado de coordenador, do curso de origem do licenciando e bolsa para o professor da escola, denominado supervisor, onde o licenciando atuará.

Vera Bertoni dos Santos (2012), uma das pioneiras na coordenação do PIBID Teatro no Brasil revela que o PIBID constitui-se como: “uma iniciativa de estímulo à docência em âmbito nacional que integra o Ensino Superior e a Educação Básica através da interação entre estudantes e docentes de cursos de licenciatura e a realidade das Instituições de Ensino da Rede Pública.” (SANTOS, 2012, p. 09).

Desse modo, há um esforço contínuo e de longo prazo para que o licenciando adentre o cotidiano da educação básica e pública e possa, no futuro, ser professor dessa categoria de ensino.

Historicamente, o PIBID surgiu quando o MEC verificou a defasagem de professores na educação básica nas áreas de física, química, biologia e matemática, pois os cursos de licenciaturas nessas áreas, não atendiam a falta de professores no país e a modalidade de bacharelado, nesses cursos, sempre teve mais atratividade para os graduandos, devido ao fato da escola ter perdido seu status frente às profissões atuais. O primeiro edital PIBID, datado de 2007, revelou a defasagem de professores nas áreas citadas. Posteriormente, com a pressão das outras licenciaturas que não foram contempladas naquele edital, as demais áreas do conhecimento provaram que também nelas havia falta de professores e daí a expansão do PIBID para as demais licenciaturas.

Atualmente, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) conta com 22² subprojetos que integram o PIBID da Faculdade de Educação (FaE) / UFMG. O PIBID na UFMG é coordenado pela Faculdade de Educação que agrega diversas disciplinas no campo da formação docente em todos os cursos de licenciatura³.

2 São eles: Artes Integradas, Artes Visuais, Biologia, Dança, Educação Física, Educação Indígena, Física, Geografia, História, Licenciatura do Campo, Língua Inglesa, Língua Espanhola, Língua Portuguesa, Matemática, Música, Pedagogia: Educação Infantil, Pedagogia: Séries Iniciais, Pedagogia: Educação de Jovens e Adultos, Pedagogia: Coordenação Pedagógica, Química, Sociologia, Teatro.

3 Link da página do PIBID: <http://www.fae.ufmg.br/pibid>. Acessado em 30 de dezembro de 2014 às 14:20h.

O funcionamento do PIBID FaE/UFMG prevê que os bolsistas estejam presentes na escola em dois dias da semana em atividades que vão desde o acompanhamento das aulas do professor supervisor, planejamento, reuniões e a docência propriamente dita. Pressupõe que o professor supervisor da escola esteja atuando como regente na escola em que trabalha e que o professor coordenador do subprojeto da universidade tenha comprovada atuação na formação de professores. Todas as sextas-feiras acontecem as reuniões com as equipes compostas por alunos, supervisor e coordenador de cada subprojeto no horário de 14 às 18h, garantindo um encontro semanal para cada área.

O subprojeto PIBID Teatro FaE/UFMG teve início em maio de 2011. Naquela ocasião, fui convidado a coordenar o projeto, visto minha atuação na formação de professores junto à graduação em Teatro da Escola de Belas Artes da UFMG.

O primeiro passo foi compreender a estrutura organizacional do PIBID nacional e no âmbito da universidade e selecionar um(a) professor(a) supervisor(a).

Até então já existia o PIBID Artes, coordenado pelo Prof. Marco Scarassatti da FaE/UFMG, que congregava bolsistas das áreas de Artes Visuais, Música e Teatro e dois professores supervisores. Assim, como teria início o PIBID Artes Visuais, Música e Teatro, a supervisora do PIBID Artes, que era formada em Teatro pela UFMG, foi convidada a integrar o PIBID Teatro. Entra em cena a professora Carolina Rosa que era designada pela Secretaria Estadual de Educação para lecionar aulas de Arte na Escola Estadual Três Poderes.

Na sequência, foi aberto um edital com cinco vagas para alunos do curso de Teatro/Licenciatura. Em sua primeira chamada, não tivemos grande procura, o que ocasionou nova abertura do edital. Dos cinco selecionados inicialmente, dois permaneceram por apenas dois meses, sendo que um passou em outro programa de bolsas na universidade, enquanto outra percebeu que o trabalho na educação formal não lhe estimulava. Novamente, abrimos seleção e outros dois membros entraram para o grupo.

Foi interessante conhecer a realidade do PIBID Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) coordenado por Vera Bertoni dos Santos desde 2009, porque o mesmo apresentou números distintos no que diz respeito à procura e interesse na candidatura dos bolsistas para ingresso no subprojeto. Desse modo, Priscilla Correa, integrante do PIBID UFRGS nos diz que: “o processo de candidatura para seleção de bolsistas para compor a equipe do Subprojeto Teatro, um dos pioneiros desta área em todo Brasil, obteve grande procura por parte dos estudantes de Licenciatura em Teatro do Departamento de Arte Dramática.” (CORREA, 2012, p. 17).

Além de ter o dobro de vagas do PIBID Teatro UFMG, 10 vagas, o PIBID Teatro UFRGS ainda contou com mais dois voluntários “que se dispuseram a colaborar voluntariamente com o Subprojeto, pois lhes interessavam principalmente as oportunidades de experiência e aprendizado oferecidas pelo Programa” (CORREA, 2012, p. 17).

Sobre esse aspecto, vale um estudo cuidadoso sobre a diferença na procura e candidatura ao PIBID dos alunos de licenciatura. Por não conhecer mais de perto a realidade dos programas de bolsa (Iniciação Científica, Monitoria, Extensão) e do Projeto Político Pedagógico da UFRGS, não cabe uma comparação com a UFMG. Em nossa instituição, percebo que além de uma oportunidade vasta de oferta de bolsas, temos o fato que grande parte de nossos alunos são trabalhadores (com o teatro ou em outras áreas) – o que inviabiliza a dedicação de 20h semanais para as ações previstas em nosso subprojeto.

Essa equipe permaneceu inalterada até abril de 2012, quando realizou o **I Encontro Nacional PIBID Teatro: Metodologias para o ensino de teatro na Educação Básica**⁴, congregando nove universidades⁵ que possuíam o programa. O evento contou com minha coordenação e foi incentivado pelo então coordenador de gestão do PIBID FaE/UFMG, Prof. José Simões Almeida Júnior.

O encontro teve os seguintes objetivos:

1. Conhecer as práticas de cada PIBID Teatro e os seus modos de articulação nas Instituições de Ensino Superior;
2. Estabelecer espaço de troca de experiências acerca do ensino de teatro entre os bolsistas estudantes, supervisores e coordenadores do PIBID;
3. Discutir os modos de inserção da disciplina e interdisciplinaridade do teatro no currículo da Educação Básica.

4 Em abril de 2013, foi realizado o II Encontro Nacional PIBID Teatro organizado pela Universidade Federal de Uberlândia.

5 São elas: Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O encontro revelou o quão distinto era a composição dos PIBID's Teatro pelo país, evidenciando um grau de autonomia no modo de gestar e conduzir propostas de ensino-aprendizagem na formação de professores de teatro e na educação básica. Outro dado relevante colhido no encontro foi a variação no número de bolsistas em cada instituição: de 05 a 25 bolsistas por subprojetos.

Após o encontro, como a supervisora do PIBID Teatro havia perdido suas aulas naquela escola e não continuaria como professora visto o término de seu contrato, tivemos diversos descontentamentos dentro do grupo. Foi preciso reabrir o edital para selecionar um(a) novo(a) professor(a) supervisor(a) e novos(as) bolsistas.

Foi então que fiz contato com a Escola Municipal Aurélio Pires (EMAP) e a professora de Arte, Mônica Peluci, candidatou-se como supervisora do PIBID Teatro. Aquela escola nos interessava por dois aspectos: mantinha um trabalho diferenciado com as artes, com incentivo da coordenação da escola e a professora já pertencia ao quadro efetivo há mais de 10 anos. Mesmo sendo formada em outra área artística, Artes Plásticas, demonstrou grande abertura para a interdisciplinaridade com o Teatro. A falta de professor concursado e formado em Teatro na rede pública de Belo Horizonte não é exceção no país. Pelo contrário, também na cidade de Porto Alegre (RS) o PIBID Teatro precisou contar com professor formado em outra área do conhecimento. Assim:

o fato de não haver um professor de Teatro no quadro docente do Instituto de Educação levou os bolsistas do Subprojeto a criarem alianças com professores de outras disciplinas para que as intervenções pedagógicas pudessem ser realizadas. (CORREA, 2012, p.29).

A nova seleção dos bolsistas PIBID Teatro UFMG incorporou: Ana Luiza Brandão, Bruno Pontes, Júlia Camargos e Rayza Luppi que permaneceram no projeto até final de 2013. Charles Valadares permaneceu até fevereiro de 2013, dando lugar para a entrada de Ana Jéssica Reis.

Além de escrevermos textos sobre a experiência durante o PIBID Teatro, confeccionamos o livro *PIBID Faz Teatro: o ensino de teatro na Educação Infantil e no Ensino Fundamental* com artigos de autoria de cada bolsista e supervisora, conforme citado na bibliografia (FIGUEIREDO, 2013).

Apresento a seguir como se deu a parceria com a Escola Municipal Aurélio Pires (EMAP) e o projeto que a supervisora já desenvolvia.

A parceria do PIBID Teatro com a Escola Municipal Aurélio Pires

Mônica Peluci era professora na EMAP há mais de 10 anos, tendo uma respeitabilidade junto ao coletivo da escola e um espaço político conquistado, demonstrando também grande entusiasmo pelo exercício da docência. Foi desse modo que ela nos apresentou um projeto que já estava em sua 5ª edição e contava com o apoio da direção da escola, comunidade escolar e grande adesão dos alunos: a Semana de Artes. Conforme relato da referida supervisora, a Semana de Artes foi transformando-se a cada ano e tomou dimensões que contemplavam tanto o fazer artístico dos alunos daquela escola, quanto a apreciação de apresentações oriundas de outros lugares da cidade. Se no primeiro ano o evento contou com palestras, mostras de trabalhos e exposição, a partir de então abrigou oficinas que abarcavam temas distintos daqueles desenvolvidos nas aulas de arte, como *stop motion*, grafite, dança de rua, *cartoon*, cerâmica entre outras.

Em 2012, com a entrada do PIBID Teatro naquela escola, a ênfase dada ao evento contou com a mostra dos trabalhos que as bolsistas⁶ desenvolveram com os alunos. O tema daquele ano foi Minas Artísticas e as bolsistas, em nossas reuniões semanais, começaram a dar contornos aos trabalhos que vinham desenvolvendo nas turmas em que atuavam. Segundo Mônica Peluci, o tema escolhido teve a intenção de:

privilegiar a riqueza artística das obras e cultura, além da produção de artistas mineiros. Para tanto, tomamos a bandeira do Estado (de Minas Gerais) como ponto de partida, visto sua simbologia política e histórica do nosso estado. Desconstruímos o triângulo central em outros pequenos triângulos que iam se soltando e se transformando em “aves” que alçavam voos livres. Essa imagem trouxe à tona a discussão da liberdade e também da criação artística e a sua influência na vida das pessoas e da juventude com a qual trabalhamos. O cartaz da Semana de Artes foi elaborado a partir desses princípios. (PELUCI, 2013, p. 39).

Como era de nosso interesse aproveitar a organização do evento para aproximar os demais professores da escola, foi criada a enquete: “Qual é a função da arte para você?” e distribuídos para as respostas papéis em formato de triângulos vermelhos. Surgiram respostas diversas, variando desde “bagunça”, até “liberdade de expressão”. Interessávamos ampliar o evento da Semana de Artes que aconteceria em outubro de 2012 para o início daquele semestre, assim, a própria

6

Foi utilizado o gênero feminino no relato sobre as bolsistas referindo-se à Ana Jéssica, Ana Luiza, Júlia e Rayza que estiveram na Escola Municipal Aurélio Pires. Bruno e Charles participaram do PIBID Teatro na Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) Castelo.

supervisora utilizou da ideia de “cartaz humano” e vestiu-se “como um ‘sanduiche’ de cartazes, canetas e papéis adesivos e passei pela escola perguntando a todos o que gostariam que tivessem no evento daquele ano.” (PELUCI, 2013, p. 40). Essa provocação irreverente por parte da professora de Arte trazia reações diversas dos alunos, professores e funcionários, e permitiu que os interessados escrevessem sugestões de programação e colassem na professora- cartaz-ambulante.

Mônica comenta que houve grande solicitação de apresentações e oficinas de Dança e Teatro e que a programação conseguiu contemplar de forma mais acentuada essas áreas. Esse dado trazido pela supervisora foi reflexo da atuação das bolsistas do curso de teatro na escola, pois com a disseminação do teatro durante as aulas que, anteriormente, eram exclusivas de artes visuais, os alunos passaram a ter contato com essa nova linguagem e, conseqüentemente, a conhecer os meandros do fazer teatral e dialogar com a área. Sensibilizar os alunos para o teatro e apresentá-los os elementos que constituem a linguagem (tais como: texto, improvisação, jogos de composição de cenas etc.) foram essenciais para o crescimento da apreciação dos jovens pela área.

Além do trabalho realizado com os alunos em sala de aula e apresentado durante o evento, foi possível levá-los para apreciar espetáculos em espaços teatrais da cidade, contando com um aparato profissional de iluminação, técnicos e público misto, não apenas de escolares. Fizemos, naquele momento, um intercâmbio com o Festival Estudantil de Teatro (FETO) e fomos juntos dos alunos em dois espetáculos que compunham aquele Festival. Essa parceria foi interessante, pois os alunos da EMAP puderam ver jovens de sua faixa etária apresentando espetáculos no festival (GAMA, 2008).

A saída da escola e o encontro com a cidade trouxeram diversos aspectos positivos para os alunos, como observado por Mônica:

Estar fora da escola já é por si só uma alegria para os alunos. A saída agregada às boas programações tem efeitos muito positivos, tais como a inserção dos alunos em programas culturais na cidade, o sentido de pertencimento do aluno como cidadão. Também observamos uma diferença de atitude nas aulas depois desses eventos, quando percebemos uma maior participação e concentração nos trabalhos propostos. (PELUCI, 2013, p.41)

A importância de propor visitas a casas de espetáculo também foi pontuada por Priscilla Correa (2012), ao rememorar as ações do PIBID Teatro UFRGS. Para Correa (2012) um dos objetivos do Subprojeto foi a “viabilização de momento de apreciação teatral.” (CORREA, 2012, p. 34) e acrescentou que o grupo de licenciandos buscou promover tanto a apresentação de espetáculos

nas dependências da escola, quanto organizando visitas orientadas a mostras teatrais pela cidade de Porto Alegre.

Em nossa experiência no PIBID Teatro UFMG, o movimento da ida de atrações artísticas até a escola também foi contemplado. Essa programação teve uma contadora de histórias, mãe de uma estudante e o grupo de improvisação Nada Sincronizado, cuja pibidiana Júlia Camargos era integrante.

Além de um trabalho de valorização da professora Mônica Peluci, enquanto profissional da área de educação e coformadora no processo de aquisição dos saberes docentes pelas licenciandas, incentivamos o exercício da docência das bolsistas envolvidas, propondo o primeiro contato com a sala de aula, na condição de professoras, de maneira cuidadosa – já que estar à frente do processo educacional de uma turma de educandos requer diversas habilidades e saberes docentes que se conquistam ao longo da profissão (FIGUEIREDO, 2014).

As pibidianas conduziram processos de criação em teatro com adolescentes que culminaram em belos trabalhos autorais. Ao longo dos relatos, as pibidianas desvelaram possibilidades de praticar teatro na escola, dentro do horário regular, colaborando assim com uma produção escassa em nossa área. Apresento a seguir um desses relatos que aborda aspectos significativos da prática como bolsista do PIBID Teatro, buscando focar em seus aprendizados docentes.

Eu, etiqueta e o processo de criação conduzido por Rayza

Rayza Luppi deu início ao PIBID demonstrando que foram raras suas oportunidades como proponente do conteúdo de teatro no campo da pedagogia teatral. Há, portanto, em seu relato o frescor da descoberta da sala de aula e a energia vigorosa de uma jovem professora que não poupou esforços para conduzir processos criativos junto de adolescentes que, por diversas vezes, mostraram-se desestimulados ou desinteressados com a educação escolar. Rayza manteve com cada uma de suas três turmas processos distintos de criação, o que levou-a, por diversas vezes, a ter que se desdobrar em momentos extraclasse para finalizar os processos.

Seguindo o tema da Semana de Artes do ano de 2012, uma de suas turmas, a 2 C (correspondente ao 8º ano, com idades que variavam de 13 a 15 anos) teve dois focos, sendo que uma parte da turma quis desenvolver um trabalho de artes visuais com a professora Mônica, enquanto outra parte dos alunos, totalizando 11 jovens decidiu fazer teatro.

Dando início ao processo de criação, Rayza apresentou aos alunos o poema “Eu, etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade. O poema diz sobre a relação de consumo que o indivíduo tem. O

poeta vai elencando uma grande quantidade de apetrechos que fazem parte de nossa vida diária e que usamos como a exibição de uma etiqueta. Ele critica o fato de nós pagarmos para exibir uma etiqueta que nos coloca na moda, pertencentes aos grupos. Ao final, Drummond pede que não seja mais chamado de “homem”, mas sim de “coisa”.

Rayza procurou então discutir o tema do consumismo entre os alunos, buscando compreender até que ponto a juventude está absorvida por objetos de marca, que muitas vezes, tem grande adesão para o público juvenil. Já sobre o processo de criação, Rayza comenta que manteve-se: “atenta, tomei o cuidado de não me apegar ao texto como se fossemos decorá-lo e encená-lo. Não. Ele era um material a serviço do que aqueles alunos queriam dizer, do que os incomodava, principalmente em suas relações, no ambiente escolar.” (LUPPI, 2013, p. 63).

Logo, entendemos que a licencianda utilizou o poema como mote criador, configurando-se como pano de fundo na condução do trabalho cênico.

Na sequência, deu início a improvisações com base em trechos do texto e situações vividas pelos jovens em relação ao poema. Após as experimentações foram elaboradas cenas dramatúrgicas pelos alunos. Apresento a seguir um dos textos escritos pelos jovens sob a coordenação de Rayza:

Mãe – Lacoste? Filho? Não acredito! Ainda está dormindo, você está atrasado para a escola.

Lacoste - Calma mãe, to indo...

Mãe – Vamos, levanta, rápido... o Nike já está te esperando lá na porta.

Nike – Lacoste, a fessora nem vai deixar entrar na sala e tem trabalho para apresentar.

Lacoste – Fui, tchau mãe.

Música: MC SMITH – ROUPA DE MARCA.

Chegando na escola. Vários atores aparecem se cumprimentando com logomarcas coladas em seus corpos. Chega um sem essas “tatuagens”, todos se entreolham.

Nike – Quem é esse?

Ecko – Sei lá.

Lacoste – Oh Ecko, acho que é aquele novato que vimos chegando na coordenação ontem.

Ecko – Ei, chega aí parceiro...

Eduardo – Oi...

Nike – E aí, beleza? Você é o novato né?

Eduardo – Sou sim.

Lacoste – Qual o seu nome?

Eduardo – Eduardo.

Todos riem.

Ecko – Não cara, apelido não, queremos saber seu nome.

Eduardo – Eduardo ué, namoral!

Nike – Na boa, vamos sair fora galera, que nome mais estranho aí, vamos colocar um apelido no cara, pra ver se melhora...

Lacoste – Já sei, PUMA, olha a “responça” hein?

Ecko – Pô, mandou ver Lacoste, isso que é nome...

Eles vão saindo de cena rindo e falando: Eduardo, vê se isso é nome?.

Eduardo sai depois deles, sem entender nada.

(LUPPI, 2013, p. 70 – 71)

É interessante perceber como os alunos escolheram marcas conhecidas e usadas/almejadas por eles e fizeram delas os personagens da trama. O jovem que tinha um nome comum (Eduardo) foi ridicularizado e batizado com um nome de marca, passando assim a ser aceito pelos demais, pertencendo ao grupo. Segundo Rayza, os jovens se identificavam com o processo de escrita do texto e a cena representada por eles no dia da apresentação na Semana de Artes teve grande aceitação pela plateia, também de adolescentes.

A professora em formação aproveitou o tema, que era de interesse deles, para conhecer melhor o que pensavam e como lidavam com a lógica do consumo. Se ser aceito e estar na moda era o que mais importava no início do processo, ao fim, alguns entenderam que é necessário relativizar o assunto e questionar por que as grandes marcas ditam o que, quando e como se vestir, fazendo com que algumas pessoas passem a ser “escravizadas” pela roupa de marca.

Cito outro trecho da dramaturgia criada pelos alunos que corroborou com a temática desenvolvida durante o período:

Começa com uma música de hip hop. Entram três atores que gostam do estilo musical. E assim, acontece sucessivamente com um funk e a entrada de outros três atores. O rock e outros dois atores e pagode e os últimos dois atores em cena.

Enquanto tocam as músicas referentes a cada estilo os outros atores não gostam de ouvir um som que não é o que costumam escutar.

Ator 1 Hip Hop – Ah não! Tocar funk e rock já é difícil, agora pagode também? Virou bagunça!

Ator 2 Funk – Hip hop, rock, pagode, música de playboys.

Ator 3 Funk – (Olha para os atores de outros estilos) E não é que é mesmo? Olha o estilo dos caras...

Ator 4 Pagode – (Cantando para irritar os outros) É meu jeito moleque de ser...

Ator 5 Rock – Ou, na boa? Cansei! Vamos definir um líder de cada estilo musical e juntos vamos decidir um único ritmo. E todos nós teremos que respeitar e ouvir o mesmo tipo de música. Assim não há mais discussão!

Todos pensam e concordam.

Ator 6 Hip Hop – Eu sempre falei que nunca ouviria nem funk, pagode, hip hop, mas ser diferente tá por fora, todo mundo fala igual, se veste igual nessa cidade mesmo, por que nós temos que ser diferentes?

Ator 7 Rock – É, vamos lá...

Ator 8 Pagode – (Vira para o colega) Não sei se estou gostando dessa história, alguém ter que deixar o que gosta para ser igual?

Ator 9 Funk – E lá vem o outro querendo ser diferente, pra quê?

Ator 10 Hip Hop – É, só dá confusão.

(LUPPI, 2013, p. 71 – 72)

Essa cena versa sobre o tema da massificação da sociedade, onde a juventude acaba aderindo a modos de ser e estar do restante da população para não causar “confusão” e sentir-se pertencente a um grupo. Como o subtema da Semana de Artes era identidade, esse texto buscou

frisar sobre a questão da identidade dos jovens hoje, quem consegue sustentar seus gostos e preferências musicais diante de uma sociedade que dita o que ouvir (comer, vestir, dizer, ver).

Os diálogos, criados pelos estudantes que faziam teatro pela primeira vez, eram oriundos da sua realidade cotidiana, com um linguajar que eles entendiam bastante, o que gerou na plateia, uma repercussão também grande, visto que a identificação com os personagens era recorrente.

A formação teatral de Rayza⁷ e sua experiência como atriz profissional traziam-lhe repertórios diversificados para propor criações artísticas com uma turma de onze jovens. As diversas descobertas docentes em sala de aula contribuíram para que essa jovem professora seguisse confiante na conquista da profissão.

As reflexões de Rayza demonstraram uma importância com todas as ações da aula. Revelou conhecer a turma com a qual vinha trabalhando, pelo fato de acompanhá-la junto da professora Mônica desde o primeiro semestre de 2012, ou seja, o tempo de observação da turma com a qual viria trabalhar foi essencial para reconhecer modos e interesses dos jovens e dialogar, portanto, a prática artística com temas de interesses dos alunos.

Para o dia da apresentação durante a Semana de Artes, Rayza comenta que uma das alunas faltou à apresentação. Assim, buscou explicar a eles que iriam apresentar à plateia o que vinham desenvolvendo em aula e que aquela apresentação não era mais importante do que a criação em aula. Dois alunos sentiram-se encorajados a substituir a jovem que havia faltado, fazendo uso do que recordavam das experimentações em sala. “Foi nesse momento que eu pude perceber que tínhamos alcançado o mais importante, a coletividade, isso que é o um dos maiores desafios de fazer teatro, eles tinham vencido.” (LUPPI, 2013, p.74).

O desafio que Rayza teve ao saber que uma das alunas não viria à apresentação foi importante para que ela desenvolvesse o senso crítico e ao mesmo tempo incentivasse os alunos a tomar frente do processo criativo e fazer uso do que haviam exercitado nas aulas de teatro. Assim, “em termos pedagógicos, esse entendimento refuta o ensino-instrução.” (CABRAL e VIDOR, 2013, p. 32).

O teatro nesse contexto veio questionar práticas sociais naturalizadas, tal como fez Rayza com a discussão sobre o consumismo ao trazer para os jovens o poema *Eu, etiqueta*, de Carlos Drummond de Andrade. Além do debate promovido pela estudante-professora, ela conseguiu

7

É formada pelo curso técnico de formação de atores do Teatro Universitário (T.U.) da UFMG.

provocá-los a expressarem-se, fazendo uso da elaboração e aprendizagem dramatúrgica e a encenação do texto, compartilhando com outros jovens um breve exercício de criação poética.

Considerações Finais

O que mais salta aos olhos quando rememoro os momentos vividos durante o tempo de orientação dos licenciandos no PIBID Teatro é a relevância na criação de modos de socialização dos saberes, presentes durante as reuniões de orientação e no processo de reflexão sobre a prática docente. O encontro dos licenciandos em teatro com estudantes da educação básica, orientados por mim em parceria com a supervisora da EMAP foi uma das grandes contribuições do programa, gerando a troca de saberes entre todos os envolvidos e fazendo emergir aprendizagens em prol do ensino de teatro na escola.

Destaco que o PIBID tem a parceria explícita do professor da educação básica, favorecendo a consolidação da profissão e o cuidado com o jovem graduando que escolheu enveredar-se pela educação. Essa parceria diz respeito a um programa de política pública no investimento na docência, rememorando a necessidade urgente de diálogo entre universidade e escola para a formação do professor.

Com isso, é preciso compreender melhor a profissão e a profissionalização do professor na perspectiva de uma formação sólida e aberta para responder crítica e produtivamente aos desafios de formar crianças, jovens e adultos para viverem numa realidade de informações e conhecimentos processados de forma acelerada, de relações pessoais e de produção diferenciadas, características da contemporaneidade.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec: Edições Mandacaru, 2006.

CABRAL, Beatriz; Heloíse Baurich Vidor. **MACBETH EM DRAMA: entre a performance e a representação**. In: SILVEIRA, Fabiane Tejada da; FERREIRA, Taís; LEITE, Vanessa Caldeira (orgs.). **Conversações sobre Teatro e Educação**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2013. p. 17 – 34.

CORREA, Priscila da Silva. Experiências de formação docente no Subprojeto PIBID Teatro da UFRGS. *In: SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos (orga.). Iniciação à docência em Teatro: ações, relações e reflexões.* São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 17 – 45.

FIGUEIREDO, Ricardo Carvalho de (org.). **PIBID Faz Teatro: o ensino de teatro na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.** Belo Horizonte/PIBID/FaE/UFMG, 2013.

FIGUEIREDO, Ricardo Carvalho de. **Percursos de aprendizagem da docência em teatro a partir do próprio ato docente.** 2014. 216p. Tese (Doutorado em Artes). Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LUPPI, Rayza. Os três encontros: a professora, as turmas, os processos. *In: FIGUEIREDO, Ricardo Carvalho de (org.). PIBID Faz Teatro: o ensino de teatro na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.* Belo Horizonte/PIBID/FaE/UFMG, 2013b, p. 60 – 75.

GAMA, Joaquim. Acerca do teatro e dos festivais estudantis. *In: URDIMENTO – Revista de Estudos em Artes Cênicas.* Florianópolis, UDESC/CEART. Vol. 1, n.10, p.89 – 97, dezembro de 2008.

PELUCI, Mônica. Semana de Artes da EMAP. *In: FIGUEIREDO, Ricardo Carvalho de (org.). PIBID Faz Teatro: o ensino de teatro na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.* Belo Horizonte/PIBID/FaE/UFMG, 2013b, p. 37 – 49.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Ações, relações e reflexões a partir da experiência do PIBID Teatro da UFRGS. *In: SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos (orga.). Iniciação à docência em Teatro: ações, relações e reflexões.* São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 09 – 16.

Recebido em 21/02/2015

Aprovado em 25/05/2015

Publicado em 26/08/2015